

ubu

ROMANCE MODERNO

- SUPERMACHO

Alfred Jarry

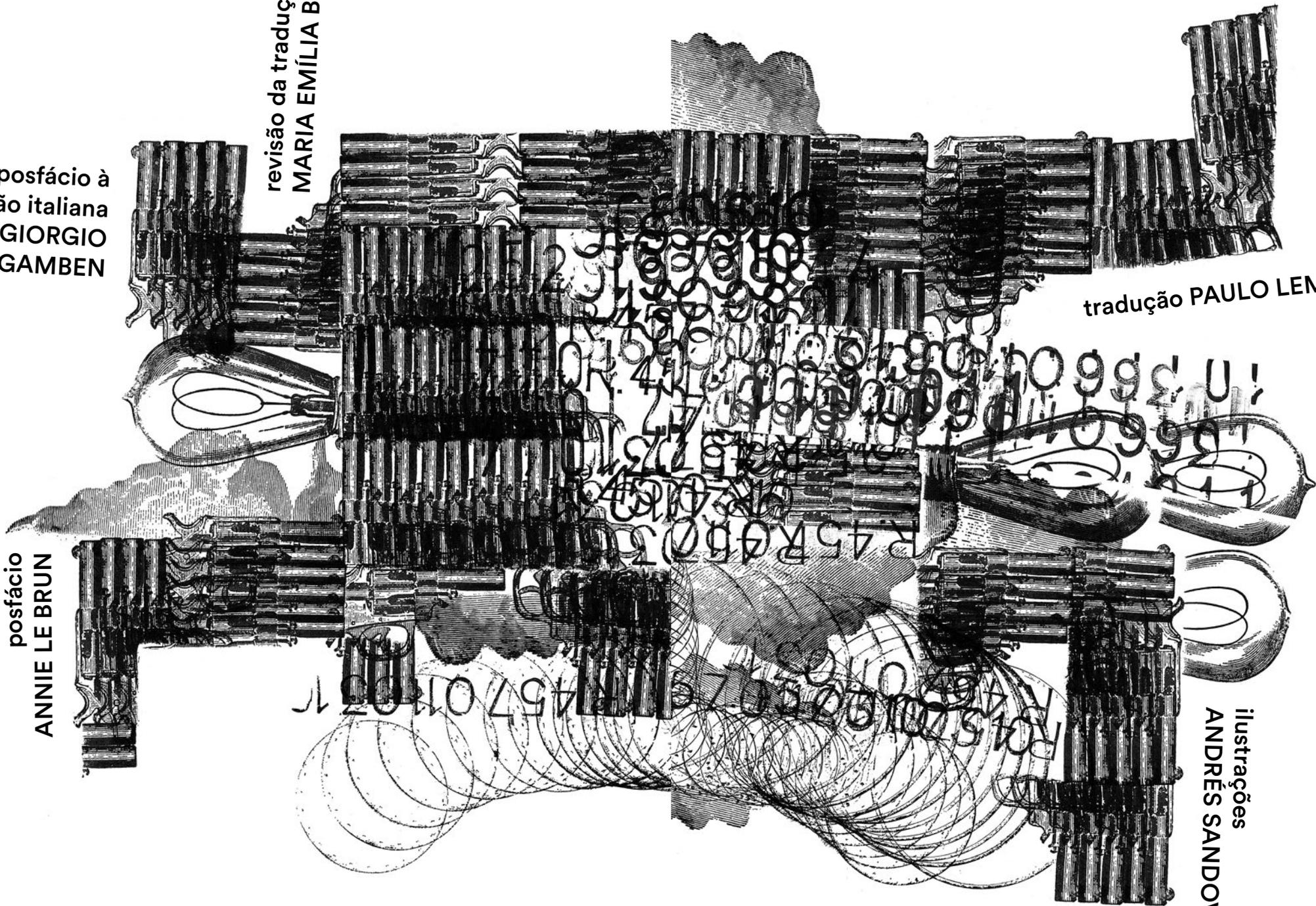
posfácio à
edição italiana
GIORGIO
AGAMBEN

revisão da tradução
MARIA EMÍLIA BENDER

tradução PAULO LEMINSKI

posfácio
ANNIE LE BRUN

ilustrações
ANDRÉS SANDOVAL



1
1
1
1
Quem dá mais? **9**

2
2
2
2
O coração nem à esquerda nem à direita

3
3
3
É uma fêmea, mas é demais **27**

33
4
4
4
4
Um fiapo de mulher **51**

5
5
5
5
A corrida das Dez Mil Milhas **61**

6
6
6
6
O álibi **85**

7
7
7
Só as damas **93**

8
8
8
8
O óvulo **103**

9
9
9
9
9
O Indiano tão celebrado por Teofrasto **109**

10
10
10
Quem é você, ser humano? **119**

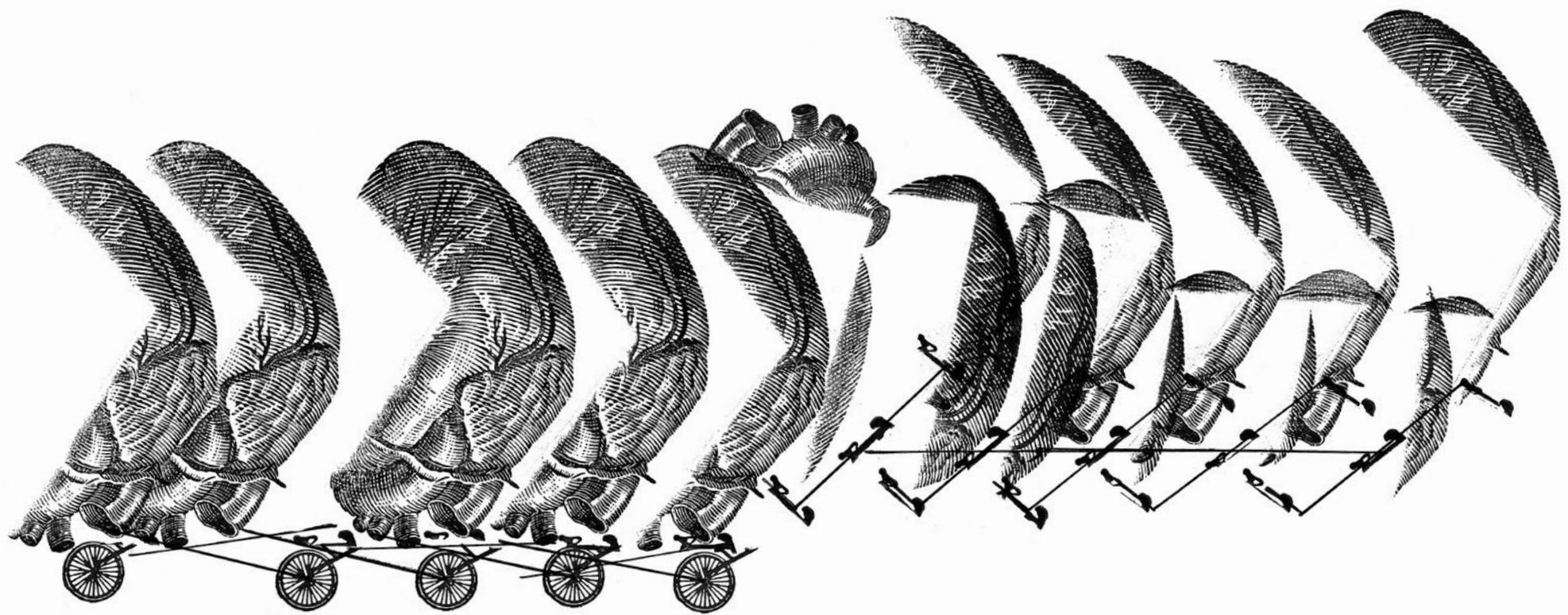
11
11
11
E mais **121**

12
12
12
12
Ó belo rouxinol **125**

13
13
13
13
A descoberta da Mulher **137**

14
14
14
A máquina amorosa **147**

157
PAULO LEMINSKI
Jarry, supermoderno
160
ANNIE LE BRUN
Alfred Jarry ou a reinvenção do amor
169
GIORGIO AGAMBEN
A divindade do riso



Jarry, supermoderno // Paulo Leminski

A folhas tantas do seu *Manifesto do surrealismo* (1924), André Breton rascunha um esboço de árvore genealógica do movimento da “escrita automática” e do sonho acordado, de que sempre foi uma espécie de papa:

Poe é surrealista na aventura.
 Baudelaire é surrealista na moral.
 Rimbaud é surrealista na prática da vida e alhures.
 Mallarmé é surrealista na confiança.
 Jarry é surrealista no absinto.

Alfred Jarry (1873-1907), porém, foi mais que um simples bebedor da terrível bebida, quase psicodélica, que levava os poetas ao delírio, antes de matá-los em algum sanatório.

Antes de morrer, aos 32 anos, ele teve tempo para deixar atrás de si uma esteira de lendas de excentricidade e extravagância, a patafísica – “ciência das soluções imaginárias” –, meia dúzia de livros e uma contribuição definitiva para a história do teatro, na figura do Pai Ubu.

Dramaturgo e teatrólogo, como é mais conhecido, Jarry é precursor das práticas teatrais mais avançadas do século XX, o século em que, sob o impacto do cinema, do circo e do teatro exótico (Nô, Kabuki), Meyerhold, Piscator, Brecht, Antonin Artaud, Beckett e Ionesco dariam nova vida à arte de Sófocles, Shakespeare, Racine e Ibsen.

Seu ensaio “De l’Inutilité du Théâtre au Théâtre” (1896) expõe os princípios da sua dramaturgia: esquematização dos caracteres, das ações, do cenário, repúdio ao “realismo” e à psicologia.

Como vai ser lindo o século XX.

//

Rabelais. Sade. Nerval. Lautréamont. Rimbaud. Corbière. Raymond Roussel. Duchamp. Artaud. Breton. Drieu. Céline. Ponge. Queneau. Butor. Existe, de tocaia, uma linhagem louca naquela literatura que, estabilizada por Malherbe e Boileau, teve um começo legal na Aca-

demia, fundada pelo cardeal de Richelieu, e parece ser a mais “careta” das literaturas, uma literatura normal e normalizadora, muito zelosa da estabilidade de certas formas, do equilíbrio, da manutenção de um certo “bom gosto”, decoro canonizado com “o Gosto”, o “*génie latin*” de Anatole France.

Nessa linguagem, Jarry não foi o menos “louco”.

Nascido em Laval, no noroeste da França, Jarry deixou a lenda de uma vida tão bizarra quanto suas produções.

A fábula das suas singularidades corria de boca em boca, na Paris da Belle Époque.

Pescava seu almoço no Sena. Aficionado por matemática e física, estudava heráldica horas a fio. Quando lhe pediam fogo, puxava um revólver, que Picasso depois veio a obter e guardava como uma relíquia.

Sua fotografia mais conhecida o mostra andando de bicicleta, invenção recente, que era uma das suas paixões (tendo um papel fundamental em *O Supermacho*, onde o superalimento do cientista americano é experimentado nos ciclistas que fazem a corrida das Dez Mil Milhas, hipóbole sobre duas rodas da potência sexual infundável do *Indiano*).

Para nós, brasileiros, sua figura não pode deixar de lembrar a de Santos Dumont, tão excêntrico quanto ele, que vivia e tentava voar naquela mesma Paris da primeira década do século XX, quando viajar pelos ares parecia ser uma obsessão emblemática daquele momento de espantosas novidades e ilimitados horizontes tecnológicos.

Jarry também voou. Não em balões ou dirigíveis. Mas em criações dramáticas e textuais muitos pés acima do chão de seus contemporâneos, cabeça enfiada alguns quilômetros para dentro do futuro.

O verdadeiro culto que Dadá e os surrealistas lhe tributaram é mais que justificado: na rigorosa hierarquia poundiana, Jarry, supermoderno, é um “inventor”, um dos escritores mais originais do século XX, “herói fundador” de tantas singularidades que, depois de virarem moda, viraram sistema.

////////////////////////////////////

Centaurio de fantasia erótica com romance de ficção-científica, *O Supermacho*, de 1902, chamado pelo autor “romance moderno”, faz par com *Messalina*, de 1901, “romance da antiga Roma”.

Nos dois “romances”, um no passado, outro no futuro, o herói é, num, um homem, no outro, uma mulher, dotados da capacidade de praticar o amor físico além dos limites humanos, “indefinidamente”. Priapismo e ninfomania: hipóboles da sexualidade.

Cenas de evidente marcação teatral. Jogos de palavras, de árdua decifração e recriação. O fio do enredo sustentado por trocadilhos. Um espírito lúdico libertado de amarras lógicas. A pontuação arbitrária e caprichosa. O tom meio erudito, meio circense. As imagens e comparações insólitas e delirantes. Alguma coisa de muito criança com qualquer coisa de muito velho.

A escritura de Jarry é de alta imprevisibilidade.

Não era provável que, em 1902, alguém chamado Alfred Jarry publicasse este romance que vocês acabam de ler, vocês não acham?